

EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

CULTIVAR A DEMOCRACIA DESDE O INÍCIO (3-10 ANOS)



Autores principais

Claudia Neves

Monika Pažur

Co-autores

Marta Abelha

Pedro Abrantes

Ana Patrícia Almeida

Juliana Oliveira

Editores

Joanne Barber

Pauliina Jääskeläinen

Pilvikki Lantela

Philippa Mulbery

Investigadores

Marta Abelha

Pedro Abrantes

Katarina Aladrović Slovaček

Ana Patrícia Almeida

Vlatka Domović

Maja Drvodelić

Claudia Neves

Juliana Oliveira

Monika Pažur

Financiamento

Este projeto recebeu financiamento do programa de investigação e inovação Horizonte Europa da União Europeia, ao abrigo do Acordo de Subvenção n.º 101094052, e da UK Research and Innovation (UKRI) — número de referência: 10063654.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. As opiniões e pontos de vista expressos são, no entanto, exclusivamente dos/as autores/as e não refletem necessariamente os da União Europeia ou das autoridades financiadoras. Nem a União Europeia nem as autoridades financiadoras podem ser responsabilizadas por estes.

Título e licença

Cultivar a Democracia desde o Início (3–10 anos)

© 2026 Consórcio AECED (University of Lapland — Finlândia, University of Hertfordshire — Reino Unido, Marburg University — Alemanha, Universidade Aberta — Portugal, Riga Technical University — Letónia, University of Zagreb — Croácia).

Este trabalho está licenciado ao abrigo da Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0). Para consultar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Acessibilidade e utilização com ferramentas de leitura em voz alta

Este documento foi concebido para apoiar a utilização com ferramentas de leitura em voz alta e tecnologias de apoio. O texto está organizado numa estrutura clara e numerada e apresentado numa ordem de leitura lógica, para facilitar a leitura áudio. As imagens e os diagramas incluem texto alternativo sempre que transportam significado.

Devido às limitações atuais da plataforma, a navegação em ecrã inteiro por níveis de títulos poderá não estar disponível neste PDF. Uma versão acessível em Word deste documento está disponível mediante pedido.

Todos os diagramas e tabelas deste documento são acompanhados por um breve texto explicativo, de modo a garantir a acessibilidade a leitores que utilizem leitores de ecrã ou ferramentas de leitura em voz alta.

Este documento pode ser citado da seguinte forma:

Consórcio AECED (2026). Cultivar a Democracia desde o Início (3–10 anos) DOI: 10.5281/zenodo.19235967



AGRADECIMENTOS

Este Guia foi desenvolvido no âmbito do Projeto AECED — "Transformar a educação para a democracia através da aprendizagem estética e corporizada para a democracia, de pedagogias responsivas e da democracia-como-devir". Agradecemos a:

- Todos os participantes e comunidades de aprendizagem que se envolveram nas atividades do AECED ao longo das diferentes fases educativas, incluindo aprendentes, educadores, facilitadores, profissionais de escolas e de outras instituições, bem como famílias e parceiros comunitários.
- As equipas nacionais da Croácia, Finlândia, Alemanha, Letónia, Portugal e Reino Unido, pela produção de evidência empírica que fundamentou diretamente os percursos e as práticas apresentados neste Guia.
- Os membros do Consórcio AECED, pelos seus contributos para o Referencial Pedagógico, para a síntese transnacional (casos nacionais e análise comparativa) e para outros recursos desenvolvidos no âmbito do projeto.
- Os revisores, pelas suas orientações e contributos para o reforço da clareza, da coerência conceptual e da utilidade prática deste Guia.



ÍNDICE

1. Introdução

2. Por que razão a AECD é importante na educação de infância e no 1º ciclo do Ensino Básico

3. Valores democráticos na educação de infância

4. Princípios democráticos na educação de infância e no 1º ciclo do Ensino Básico

5. Sensibilidade democrática

6. Pedagogias responsivas

7. O olhar empático

8. Conceber ambientes de AECD na educação de infância e no 1º ciclo do Ensino Básico

9. Práticas quotidianas que concretizam a democracia

10. Pistas de reflexão para educadores e professores

11. Conclusão: A vida democrática nos primeiros anos como prática estética e corporizada

1 . INTRODUÇÃO

Os contextos da educação de infância e do 1º ciclo do Ensino Básico constituem os primeiros espaços partilhados onde as crianças experienciam o que significa viver, aprender e participar com os outros. Nestes ambientes, a democracia não é vivida através de instituições ou procedimentos formais, mas por meio de encontros quotidianos: partilhar materiais, negociar o espaço, esperar pela sua vez, expressar sentimentos, imaginar possibilidades e resolver pequenos conflitos. Estes micro-momentos permitem às crianças desenvolver um sentido de pertença, de justiça, de agência e de cuidado.

A Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD) assenta nesta compreensão. As crianças pequenas constroem significado através do corpo, dos sentidos, das emoções, dos gestos e da imaginação. Quando se movem, brincam, desenham, representam ou contam histórias, não estão apenas a aprender conteúdos — estão a participar numa comunidade. Os seus gestos, silêncios, escolhas e colaborações revelam formas iniciais de compreensão democrática: como escutar, como incluir os outros, como expressar uma necessidade, como negociar perspetivas e como construir experiências partilhadas.

Por esta razão, a infância constitui um momento particularmente significativo para a democracia-como-devir ou em construção. Muito antes de as ideias democráticas poderem ser verbalizadas, as crianças experienciam a democracia como algo vivido e corporizado. A AECD reconhece que estes encontros precoces constituem a base da sensibilidade democrática — a capacidade emergente da criança para reconhecer a justiça e a exclusão, responder às emoções dos outros, adotar diferentes perspetivas e participar com cuidado e responsabilidade.

Este Guia apoia os educadores e professores na criação de ambientes onde a democracia não é adiada, mas vivida no presente. Através de rotinas simples, propostas multimodais e interações responsivas, as crianças aprendem a participar como membros valorizados de um mundo coletivo. A AECD não exige que os educadores acrescentem novas disciplinas ou tarefas adicionais; em vez disso, convida a reenquadrar o que já acontece nos contextos educativos — o brincar, o diálogo, a cooperação, a exploração criativa — tornando visível e intencional o potencial democrático dessas práticas.

Em última análise, este Guia convida os educadores e professores a reconhecer, confiar e nutrir as formas estéticas e corporizadas através das quais as crianças se ligam umas às outras. A democracia cresce através destas pequenas interações — nos ritmos do brincar, na coragem de expressar um sentimento, na delicadeza de escutar e na imaginação partilhada que sustenta o grupo. A AECD ajuda os educadores e professores a reconhecer estas interações quotidianas como oportunidades para cultivar a vida democrática desde o início.

UMA BREVE INTRODUÇÃO À AECD

A Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD) reconhece que as crianças aprendem a participar na vida democrática através do corpo, dos sentidos, das emoções, das relações e da imaginação.

Nos contextos da educação de infância e do 1º ciclo do Ensino Básico, a democracia não é abstrata — emerge na forma como as crianças negociam o espaço, expressam sentimentos, escutam os outros, fazem escolhas e se envolvem em atividades partilhadas.

A AECD articula:

- valores democráticos (liberdade, igualdade e equidade, responsividade)
- princípios democráticos (partilha de poder, diálogo transformador, aprendizagem holística, bem-estar relacional)
- sensibilidade democrática — a consciência corporizada das crianças sobre justiça, pertença e responsabilidade
- pedagogia responsiva — a sintonia com os ritmos, emoções e sinais das crianças
- o olhar empático — ver os outros com abertura, curiosidade e respeito

Este Guia mostra como estes conceitos podem ganhar forma nas práticas quotidianas com crianças dos 3 aos 10 anos.

COMO USAR ESTE GUIA

Pode abordar este Guia de diferentes formas, de acordo com as suas necessidades:

- **Início rápido:** Consulte diretamente as secções que apresentam práticas e exemplos de trabalho.
- **Fundamentação conceptual:** Explore as secções dedicadas aos valores democráticos, aos princípios democráticos e à sensibilidade democrática.
- **Apoio à conceção:** Descubra os percursos e exemplos que ilustram como a AECD pode ser concretizada na prática.
- **Reflexão:** Utilize as pistas de reflexão para educadores, de modo a aprofundar a compreensão dos processos democráticos no quotidiano da sala.
- **Ferramentas complementares:** Procure as referências ao Practice Companion, onde encontrará materiais adicionais, modelos e variações de atividades.

Este Guia tem uma estrutura modular, podendo ser lido de forma sequencial ou consultado de forma flexível, conforme as necessidades.

PÚBLICO-ALVO

Este Guia destina-se a apoiar:

- Educadores do educação de infância e professores do 1º ciclo do Ensino Básico, educadores e professores e assistentes;
- Líderes de espaços educativos (diretores, coordenadores, responsáveis por contextos de educação e acolhimento na primeira infância) que contribuem para criar condições democráticas de aprendizagem;
- Parceiros culturais, artísticos e comunitários;
- Famílias e cuidadores interessados nas experiências democráticas precoces das crianças.

Neste Guia, a expressão “educadores e professores” refere-se a professores, profissionais de educação e adultos que cultivam intencionalmente a vida democrática nas experiências quotidianas de aprendizagem.

SOBRE A ECOLOGIA PEDAGÓGICA DA AECD

AA Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD) é sustentada por uma ecologia pedagógica composta por três dimensões:

O Referencial Pedagógico

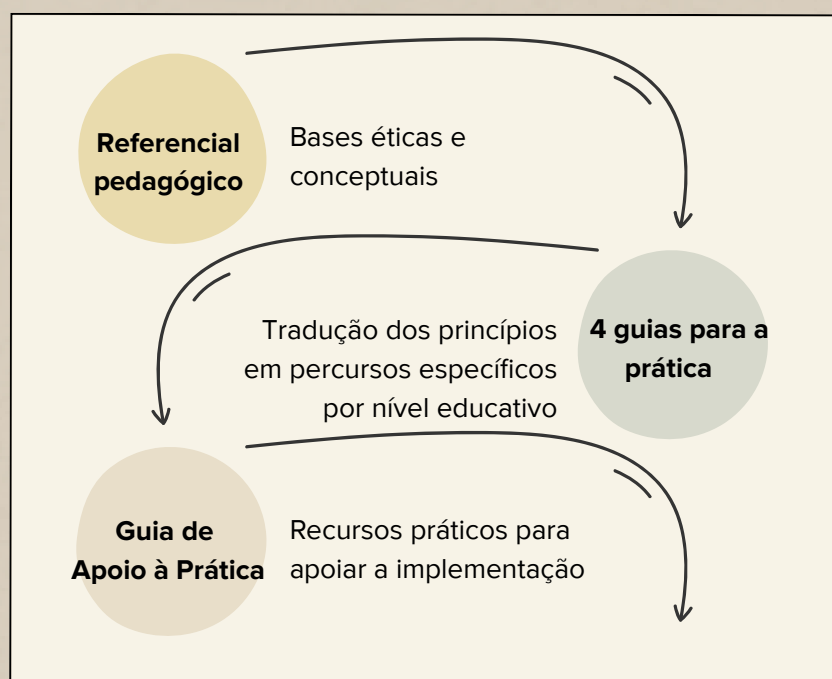
Define os fundamentos conceituais da AECD, incluindo os valores democráticos, os princípios democráticos, a sensibilidade democrática, a pedagogia responsiva e o olhar empático. Estes conceitos orientam todos os Guias específicos por nível educativo.

Guias Específicos por Nível Educativo

Traduzem o Referencial em percursos adaptados a diferentes contextos educativos: Educação de Infância e 1º ciclo do Ensino Básico, Ensino Secundário, Ensino Superior e Educação de Adultos e Aprendizagem Profissional. Este Guia centra-se nas crianças dos 3 aos 10 anos, apoiando os educadores e professores na promoção da sensibilidade democrática através de experiências quotidianas corporizadas e relacionais.

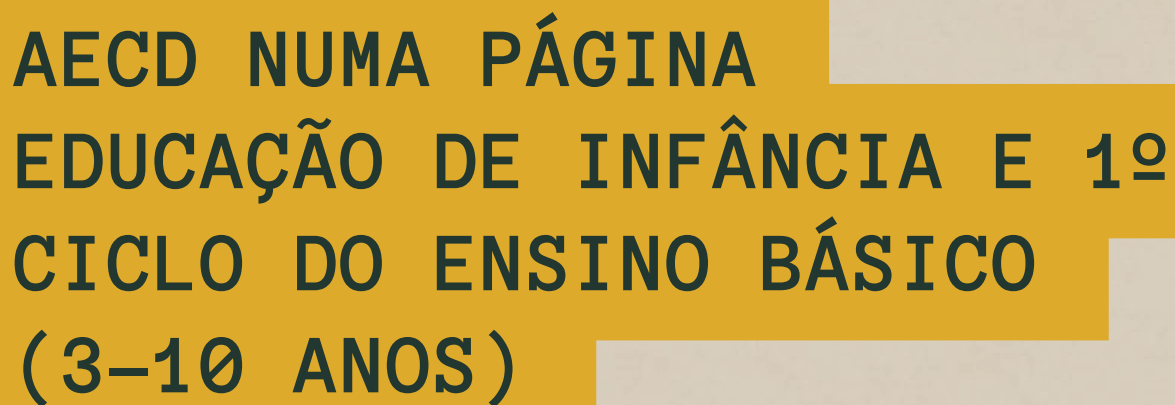
O Practice Companion (Guia de Apoio à Prática)

Disponibiliza ferramentas transversais para apoiar a implementação, incluindo cartões de atividades, modelos, exemplos alargados e recursos de planificação. Neste Guia são apresentados exemplos breves; materiais mais extensos, variações e modelos podem ser encontrados no Practice Companion.



Em conjunto, estas dimensões constituem uma ecologia viva da Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD).

Este diagrama mostra como o Referencial Pedagógico, os Guias específicos por nível educativo e o Practice Companion funcionam em conjunto como uma ecologia tripartida que apoia a implementação da AECD.



AECD NUMA PÁGINA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO (3–10 ANOS)

A página seguinte apresenta uma síntese dos principais conceitos e práticas da AECD para crianças dos 3 aos 10 anos.

UM MAPA RÁPIDO DO QUE É ESSENCIAL E DE COMO GANHA VIDA NA PRÁTICA

Valores democráticos – A base

Estes valores moldam a forma como vemos as crianças e como os ambientes de aprendizagem as acolhem.

liberdade – espaço para a exploração, a escolha, o movimento e a imaginação, dentro de limites sustentados pelo cuidado

igualdade e equidade – a presença de cada criança importa; a participação torna-se possível através de múltiplas formas de expressão

responsividade – educadores e professores e crianças ajustam-se mutuamente aos seus sinais, ritmos, emoções e ideias

Princípios democráticos – Como os valores se tornam prática

partilha de poder – as crianças influenciam as decisões, os papéis e o desenrolar da vida quotidiana

diálogo transformador – o diálogo desenvolve-se através da palavra, do gesto, do desenho, do movimento, da narração de histórias e do maravilhamento

aprendizagem holística – pensar, sentir, perceber e imaginar atuam de forma integrada

bem-estar relacional – a segurança, a confiança e o cuidado mútuo são reconhecidos como condições essenciais

Sensibilidade democrática – O que as crianças vão desenvolvendo

Uma consciência sentida e corporizada de:

- justiça e inclusão/exclusão
- emoções (as suas e as dos outros)
- tomada de perspetiva e empatia
- responsabilidade pelos espaços partilhados
- pertença a uma comunidade

Este é o principal resultado desenvolvimental da AECD nesta fase.

Ambientes que:

- convidam à participação (“Tu pertences aqui”)
- apoiam a expressão multimodal (muitas formas de comunicar)
- oferecem flexibilidade rítmica (tempo para aprofundar, regressar e repetir)
- sustentam as relações com cuidado (espaços de segurança emocional)
- acolhem a imaginação como forma de conhecimento
- incorporam o olhar empático (o trabalho e a presença das crianças são valorizados)

Práticas quotidianas – Onde a democracia ganha vida

- círculos de partilha e escuta, momentos de expressão emocional, mini-assembleias
- movimento, desenho, construção, dramatização e brincadeira
- rotatividade de papéis e rotinas partilhadas
- negociação de conflitos com um olhar atento e uma escuta cuidadosa
- micropráticas de cuidado: dar espaço, oferecer ajuda, reparar nos outros

Posturas pedagógicas – Como os educadores e professores se posicionam na AECD

- coaprendentes que exploram com as crianças
- criadores de ambientes estéticos, multimodais e responsivos
- facilitadores da agência, e não meros distribuidores de tarefas
- praticantes do olhar empático recíproco, modelando e ensinando formas de ver atentas e respeitadas
- construtores de climas colaborativos com colegas e famílias

PERCURSO PARA CULTIVAR A DEMOCRACIA NO EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO



Este diagrama, apresentado sob a forma de um percurso em pedras de passagem, mostra como a democracia é cultivada através da vida educativa quotidiana. Os valores democráticos constituem a base, os princípios democráticos traduzem esses valores em prática, e o resultado é o desenvolvimento da sensibilidade democrática das crianças. A figura destaca três áreas fundamentais que moldam este processo: as posturas pedagógicas dos educadores e professores, as qualidades do ambiente de aprendizagem e as práticas quotidianas que concretizam a democracia.

2. PORQUE É QUE A AECD É IMPORTANTE NO EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O educação de infância e o 1.º ciclo oferecem uma oportunidade singular para o desenvolvimento da vida democrática. As crianças dos 3 aos 10 anos aprendem através do movimento, da brincadeira, da exploração sensorial, das relações, dos ritmos, das emoções e da imaginação. Muito antes de as ideias democráticas poderem ser expressas verbalmente, as crianças experienciam a democracia como algo que é sentido no corpo e vivido com os outros.

A AECD reconhece que estas formas precoces de aprendizagem não estão separadas do desenvolvimento democrático — constituem o seu alicerce. As crianças experienciam a democracia diariamente quando negociam o espaço, expressam necessidades, colaboram, escutam, gerem conflitos ou participam em atividades partilhadas. Estes encontros moldam a sua sensibilidade democrática emergente: a consciência corporizada de justiça, pertença, responsabilidade e ligação aos outros.

Nesta fase, a democracia é experienciada através da vida quotidiana:

- na forma como uma criança dá espaço a outra
- no ritmo partilhado de um grupo que constrói algo em conjunto
- na coragem de expressar um sentimento
- na imaginação que permite às crianças explorar diferentes perspetivas
- no esforço coletivo para reparar um conflito

Estes momentos aprofundam a compreensão das crianças sobre a sua própria agência e participação. Ajudam-nas a reconhecer que a sua presença é importante, que as suas ações influenciam o grupo e que os seus sentimentos e ideias contribuem para moldar as experiências partilhadas.

A AECD apoia esta aprendizagem democrática ao reforçar as condições que tornam a participação possível:

- pertença e segurança emocional, para que as crianças se sintam convidadas a participar
- múltiplas linguagens de expressão, para que todas as crianças — incluindo as que são multilíngues e as que comunicam de forma não verbal — tenham formas significativas de contribuir
- confiança relacional, construída através do olhar empático recíproco
- flexibilidade de tempo e de ritmo, permitindo que emoções, questões e ideias se desenvolvam plenamente
- responsividade atenta, em que os sinais das crianças orientam o fluxo da aprendizagem

Quando estas condições estão presentes, a democracia torna-se algo que as crianças podem praticar, e não apenas algo de que ouvem falar. Aprendem, assim, a escutar, a negociar, a assumir responsabilidades e a cuidar dos outros — capacidades que se desenvolvem naturalmente a partir de experiências corporizadas, relacionais e imaginativas.

A AECD não acrescenta conteúdos extracurriculares. Em vez disso, oferece aos educadores e professores uma forma de reconhecer e cultivar intencionalmente as possibilidades democráticas já presentes nas rotinas quotidianas, nas interações e nos processos criativos. Atividades familiares — como contar histórias, desenhar, movimentar-se ou brincar em colaboração — tornam-se oportunidades para aprofundar a participação, a empatia, a tomada de perspetiva e a construção partilhada de significado.

Em última análise, a AECD é importante na educação de infância e no 1.º ciclo porque assegura que a democracia não é adiada. As crianças aprendem a democracia vivendo-a: através do gesto, da imaginação, da emoção, da presença, da colaboração e do tecido partilhado da vida quotidiana na sala.

EVIDÊNCIAS QUE FUNDAMENTAM ESTE GUIA

Este Guia assenta em evidência empírica recolhida em contextos de educação de infância e 1.º ciclo no âmbito do projeto AECED. As observações, as ações das crianças e as reflexões dos educadores e professores, bem como os diálogos desenvolvidos a nível local, revelaram padrões recorrentes na forma como a aprendizagem democrática emerge na prática quotidiana. Em diferentes contextos, verificou-se que:

- As crianças expressam a sua compreensão democrática através do movimento, do gesto, da narrativa e da brincadeira. A sua participação multimodal revela formas precoces de negociação, empatia e construção partilhada de significado.
- A segurança emocional e um ritmo tranquilo são fundamentais. As crianças envolvem-se mais profundamente quando o tempo desacelera, quando a hesitação é acolhida e quando existe confiança relacional.
- Percursos multimodais reforçam a equidade. A oferta de diversas formas de participação — desenho, movimento, som, construção, narração de histórias — promove a inclusão e permite que crianças com diferentes formas de comunicação contribuam de modo significativo.
- A responsividade dos educadores molda as possibilidades democráticas. A sintonia, a aceitação e a flexibilidade criam condições para o desenvolvimento da sensibilidade democrática das crianças.
- As atividades partilhadas tornam visíveis os processos democráticos. A brincadeira colaborativa, a construção conjunta e a criação coletiva de histórias ajudam as crianças a praticar a tomada de perspetiva, a responsabilidade e o cuidado.

Estes contributos fundamentam os valores, os princípios, os exemplos e as práticas apresentados ao longo deste Guia.

INTRODUZIR O TRABALHO DEMOCRÁTICO DE FORMA RESPONSÁVEL

No âmbito do projeto AECED, os educadores e professores destacaram que o trabalho democrático nas escolas pode, por vezes, ser mal interpretado como transmissão de mensagens políticas ou instrução ideológica. Esta preocupação é particularmente evidente em contextos onde a democracia é um tema sensível ou onde os educadores receiam ser julgados por o abordar. Para evitar estes mal-entendidos, a AECED enquadra a democracia como uma prática relacional, humana e quotidiana, e não como uma posição política.

No educação de infância e no 1.º ciclo, a aprendizagem democrática emerge através dos gestos, das emoções, das escolhas, das narrativas, das negociações e das atividades partilhadas pelas crianças. Manifesta-se na forma como as crianças se incluem mutuamente, gerem conflitos, expressam ideias e participam na vida coletiva do grupo. Introduzir o trabalho democrático de forma responsável significa ajudar as crianças a experienciar estas formas de pertença, justiça e cuidado, sem as associar a instituições formais, a partidos políticos ou a debates ideológicos.

Enquadrar a democracia como uma dimensão relacional da vida quotidiana contribui para construir confiança com famílias, comunidades e colegas. Reforça também a ideia de que a AECED não exige que os educadores ensinem conteúdos políticos, mas que apoiem as crianças no desenvolvimento das sensibilidades e capacidades que tornam possível a participação democrática.



AS PRÁTICAS ESTÉTICAS E CORPORIZADAS SÃO PARA TODOS

As práticas estéticas e corporizadas na AECD não exigem conhecimentos artísticos, competências especiais ou talentos específicos. Fazem parte da vida quotidiana na educação de infância e no 1.º ciclo: na forma como as crianças se movem, gesticulam, brincam, desenham, constroem, imaginam e se relacionam. Estas práticas são acessíveis a todas as crianças e educadores e apoiam a democracia ao mobilizarem o corpo, os sentidos, as emoções e as experiências partilhadas que cada pessoa traz para o ambiente de aprendizagem.

Enquadrar a dimensão estética desta forma inclusiva ajuda a reduzir a pressão ou o receio de participação. Contribui para a equidade, assegurando que todas as crianças e educadores possam participar de forma significativa na aprendizagem democrática através de interações simples, quotidianas e corporizadas.



3. VALORES DEMOCRÁTICOS NO EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Os valores democráticos orientam a forma como as crianças e os educadores e professores participam, se relacionam e coexistem no educação de infância e no 1.º ciclo. Na AECD, os valores não são ensinados como ideias abstratas. Pelo contrário, são sentidos, vividos e concretizados nas interações quotidianas, nos processos criativos e nos ritmos partilhados da vida na sala.

O Referencial Pedagógico do AECED identifica três valores democráticos fundamentais:

- Liberdade
- Igualdade e equidade
- Responsividade

Estes valores moldam as condições nas quais as crianças aprendem a participar como membros de uma comunidade democrática.

LIBERDADE

A liberdade na infância não significa escolha ilimitada, nem autonomia sem enquadramento. Na AECD, a liberdade refere-se à existência de espaço para a criança se expressar, experimentar, contribuir e movimentar-se no seio de uma comunidade que respeita o seu modo próprio de ser. As crianças experienciam a liberdade através de múltiplas linguagens de expressão — gesto, movimento, desenho, som, narrativa, materiais — e através de oportunidades para influenciar as atividades partilhadas.

A liberdade desenvolve-se quando as crianças se sentem seguras para tomar iniciativa, explorar a incerteza, testar ideias, negociar possibilidades e trazer as suas perspetivas singulares para o grupo.

Durante uma sessão baseada no movimento, o educador convida as crianças a explorar como os corpos “criam espaço” uns para os outros. À medida que o grupo se movimenta, algumas crianças identificam momentos em que são acolhidas no círculo — e momentos em que ficam de fora. O educador interrompe a atividade e convida as crianças a nomear o que sentiram como inclusivo ou excludente. O grupo experimenta então novamente, ajustando os seus movimentos para que a entrada de cada criança se torne mais fácil. Aqui, a democracia é aprendida como uma experiência sentida de poder e de pertença — e não apenas como uma regra verbalizada.

IGUALDADE E EQUIDADE

A igualdade e a equidade referem-se ao direito das crianças de participarem de forma significativa, independentemente da sua língua, origem, estilo de comunicação ou ritmo de desenvolvimento. Na AECD:

- A igualdade assegura que a presença e o contributo de cada criança são valorizados.
- A equidade assegura que cada criança dispõe do apoio necessário para participar plenamente.

Estes valores tornam-se visíveis na forma como as crianças partilham o espaço, como os educadores e professores se sintonizam com as crianças mais reservadas ou hesitantes e como a organização da sala oferece múltiplas formas de participação. A equidade concretiza-se quando os educadores e professores ajustam as condições — materiais, tempos, organização dos grupos e convites à participação — para que todas as crianças possam participar com dignidade.

Caso AECED 14/15: Portugal — educação de infância e 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças na vida quotidiana da sala

Um grupo cria um mural coletivo sobre o tema “viver bem juntos”. As crianças propõem cores, símbolos e a localização dos diferentes elementos. Quando surgem ideias divergentes, o educador não decide por elas; em vez disso, o grupo experimenta alternativas (deslocando elementos, sobrepondo formas, combinando motivos). O mural final mantém marcas visíveis deste processo de negociação — uma decisão coletiva construída através da experimentação, da escuta e da revisão. Neste momento, as crianças exercem a sua agência com responsabilidade, reconhecendo que cada escolha transforma o espaço comum.

RESPONSIVIDADE

A responsividade é o valor que torna possível a vida democrática na educação de infância. Significa sintonizar-se com os sinais, as emoções, os ritmos, as hesitações e os significados emergentes das crianças, respondendo de formas que respeitam a sua agência e as suas necessidades relacionais.

A responsividade não é passiva — é uma postura democrática. Os educadores e professores e as crianças coconstroem significado ao estarem atentos e ao ajustarem-se mutuamente. Através da responsividade, as crianças aprendem que:

- os seus sentimentos são importantes
- as suas ideias influenciam os outros
- podem contribuir para moldar o desenrolar da atividade
- as relações exigem atenção e cuidado

A responsividade constitui a base da sensibilidade democrática, ao ensinar as crianças a escutar, a considerar as experiências dos outros e a agir com consciência do grupo.

Caso AECED 14/15: Portugal — educação de infância e 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças na vida quotidiana da sala.

As crianças realizam desenhos (ou tiram fotografias) de lugares da escola onde se sentem seguras, escutadas ou, pelo contrário, ignoradas. Em círculo, cada criança partilha uma imagem e explica o que ela representa. O educador apoia o grupo a identificar padrões (“muitos de nós escolhemos o mesmo canto”, “alguns espaços parecem fechados”). Em conjunto, decidem uma pequena mudança a experimentar na semana seguinte (por exemplo, criar um novo “espaço de acolhimento” ou encontrar diferentes formas de convidar alguém para brincar). A imagem torna-se, assim, uma ferramenta democrática: torna os sentimentos passíveis de serem partilhados e transforma o ato de reparar em ação coletiva.

Estes valores não surgem de forma isolada na experiência das crianças. Entrelaçam-se na vida quotidiana: a liberdade necessita da equidade; a equidade requer responsividade; a responsividade fortalece a liberdade. Em conjunto, criam as condições democráticas que permitem às crianças participar, imaginar, negociar e desenvolver a sensibilidade democrática de forma corporizada e relacional.

4. PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS NO EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Os princípios democráticos descrevem como os valores democráticos são concretizados na vida pedagógica quotidiana. Tornam operacionais, nos contextos do educação de infância e do 1.º ciclo, os valores da liberdade, da igualdade e equidade, e da responsividade. Estes princípios ajudam os educadores e professores a configurar as interações, os ambientes e as rotinas, para que as crianças experienciem a democracia não como uma ideia abstrata, mas como uma forma de viver em conjunto.

De acordo com o Referencial Pedagógico do AECED, a AECD assenta em quatro princípios democráticos:

- partilha de poder
- diálogo transformador
- aprendizagem holística
- bem-estar relacional



Estes princípios apoiam o desenvolvimento da sensibilidade democrática das crianças e orientam a conceção de atividades, de ambientes e das respostas pedagógicas dos educadores e professores.

PARTILHA DE PODER

A partilha de poder consiste em criar condições para que as crianças possam influenciar a direção, o ritmo e o significado das atividades partilhadas. Em vez de orientar cada passo, os educadores e professores criam espaço para as ideias, questões, emoções e iniciativas emergentes das crianças. A partilha de poder não significa ausência de liderança — trata-se de uma distribuição relacional da agência.

No educação de infância e no 1.º ciclo, a partilha de poder é vivida quando:

- as ideias das crianças influenciam de forma significativa as decisões do grupo
- os materiais e os espaços podem ser utilizados de forma flexível
- as rotinas permitem a construção conjunta de acordos
- os educadores e professores seguem os sinais das crianças, em vez de imporem resultados previamente definidos

A partilha de poder fortalece o sentido de agência, de responsabilidade e de pertença das crianças.

Durante uma atividade de construção colaborativa, uma criança sugere inclinar a estrutura para que “pareça que está a ouvir”. O grupo faz uma pausa e experimenta essa possibilidade, ajustando ângulos e observando o que muda. O educador acompanha a iniciativa das crianças, perguntando o que observam e o que gostariam de experimentar a seguir. O contributo imaginativo da criança transforma o plano partilhado e passa a integrar o processo de decisão do grupo. Neste momento, a partilha de poder torna-se visível: a ideia de uma criança altera o que se torna possível para todos.

**Caso AECED 14/15: Portugal — educação de infância e
1.º ciclo**

DIÁLOGO TRANSFORMADOR

O diálogo transformador refere-se a uma comunicação que transforma algo — uma perspetiva, um sentimento, uma relação ou a direção partilhada de uma atividade. Envolve escutar, interpretar, questionar, responder e permitir que novos significados emergjam.

O diálogo torna-se transformador quando:

- as narrativas das crianças reconfiguram a compreensão do grupo
- os desacordos conduzem a novas compreensões
- as emoções são reconhecidas e trabalhadas em conjunto
- as expressões não verbais (gesto, ritmo, desenho) são reconhecidas como contributos

Na AECD, o diálogo é multimodal, corporizado e afetivo — não se limitando à linguagem verbal.

Após a leitura de uma história em que uma personagem enfrenta uma escolha difícil, o professor convida as crianças a escrever (ou a ditar) uma pequena carta dirigida à personagem. As crianças oferecem diferentes conselhos e explicam as suas razões: algumas centram-se na justiça, outras no cuidado ou na coragem. À medida que leem as suas cartas em voz alta, o diálogo transforma-se — as crianças começam a responder aos argumentos umas das outras, e não apenas a expressar opiniões. O professor ajuda-as a reconhecer como os sentimentos e os valores influenciam as decisões, e o grupo revisita esse momento da história à luz de novas possibilidades. Aqui, o diálogo torna-se transformador: o grupo aprende a permanecer perante o desacordo, a escutar as razões dos outros e a rever, em conjunto, o que pensa.

**Caso 2 AECED: Croácia - 1º ciclo do
Ensino Básico**

APRENDIZAGEM HOLÍSTICA

A aprendizagem holística reconhece que as crianças pensam, sentem, movem-se, imaginam e relacionam-se através de processos integrados. O conhecimento não emerge apenas do raciocínio verbal, mas também de experiências corporizadas, emocionais, sensoriais e imaginativas.

A aprendizagem holística é democrática porque:

- valoriza múltiplas formas de inteligência
- possibilita a participação plena de crianças que comunicam de formas diversas
- reconhece a criança na sua totalidade, e não apenas o seu desempenho cognitivo
- promove a criatividade, a empatia e a compreensão relacional

Na AECD, a aprendizagem holística integra a exploração sensorial, o movimento, a narrativa, a expressão artística, a brincadeira e a reflexão, promovendo uma abordagem abrangente da aprendizagem.

Uma turma cria uma figura “na parede” (role-on-the-wall) que representa um membro da comunidade (por exemplo, uma criança recém-chegada, uma criança mais reservada ou um ajudante da turma). As crianças acrescentam palavras ou imagens no interior da silhueta (sentimentos/necessidades) e no exterior (o que os outros presumem sobre essa pessoa). Na atividade da “cadeira quente”, os colegas colocam perguntas à personagem: O que gostarias que os outros reparassem em ti? O que te parece injusto? O educador apoia as crianças a dirigirem-se à personagem, e não a uma pessoa real, garantindo a segurança emocional. Através do drama, as crianças praticam a capacidade de ver o outro e de reconhecer como a voz e o estatuto influenciam a participação.

**Caso 2 AECD: Croácia - 1º ciclo do
Ensino Básico**

BEM-ESTAR RELACIONAL

O bem-estar relacional refere-se à qualidade das relações na sala — entre as crianças, entre as crianças e os educadores e professores e no seio do grupo como um todo. Desenvolve-se através do cuidado, da confiança, da escuta, da sintonia e de ritmos partilhados.

O bem-estar relacional sustenta a democracia porque:

- as crianças sentem-se seguras para participar quando se sentem vistas e aceites
- os conflitos podem ser abordados com empatia, favorecendo a reparação das relações
- o sentido de pertença possibilita a liberdade e a assunção de riscos
- a atenção mútua promove a cooperação

Este princípio está profundamente ligado ao olhar empático e à pedagogia responsiva, que contribuem para criar um clima onde as crianças podem florescer.

Após um jogo dramático de ritmo acelerado, o educador diz: “Um minuto, por favor.” As crianças param, respiram e cada uma partilha uma palavra: “de fora”, “entusiasmado”, “confuso”, “orgulhoso”. O educador escolhe duas dessas palavras para iniciar uma breve troca: O que fez alguém sentir-se incluído? O que fez alguém sentir-se diminuído? O grupo repete então a atividade, introduzindo uma mudança acordada para tornar a participação mais acessível. Aqui, a democracia surge como prática e revisão: a turma aprende a ajustar as condições da brincadeira para que mais crianças se sintam parte do grupo.

Caso 2 AECED: Croácia - 1º ciclo do Ensino Básico

Estes quatro princípios ajudam os educadores e professores a conceber ambientes e interações nos quais as crianças possam participar de forma autêntica, expressar-se, negociar perspectivas e construir relações. Em conjunto, sustentam o desenvolvimento da sensibilidade democrática e asseguram que a vida quotidiana da sala se torne uma experiência de democracia-em-ação.



5. SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA

A sensibilidade democrática é um conceito central na Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD). Refere-se à consciência corporizada emergente da criança sobre si própria, os outros e o mundo partilhado, bem como à sua capacidade de se relacionar com justiça, cuidado, curiosidade e responsabilidade. Desenvolve-se através de experiências quotidianas de participação com os outros — por meio do movimento, da emoção, da imaginação, do gesto, do silêncio e do diálogo.

A sensibilidade democrática não é uma competência nem um comportamento a ensinar. É uma orientação relacional e afetiva que se constrói ao longo do tempo, à medida que as crianças compreendem que as suas ações têm impacto, que os outros respondem e que o grupo se configura através da atividade partilhada. Torna-se visível quando as crianças:

- reconhecem situações de justiça ou injustiça;
- expressam cuidado ou curiosidade em relação aos outros;
- incluem um colega ou criam espaço para a sua participação;
- assumem a perspetiva do outro ou ajustam o seu próprio ritmo;
- se sintonizam com o clima emocional do grupo;
- arriscam contribuir com uma ideia ou expressar um sentimento;
- reparam mal-entendidos;
- experienciam pertença.

A AECD apoia o desenvolvimento desta sensibilidade ao criar condições para que as crianças possam coexistir, imaginar, negociar e colaborar de modos que honrem valores e princípios democráticos.

COMO EMERGE A SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA

A sensibilidade democrática emerge através de:

- o corpo: movimento, postura, proximidade, gesto, ritmo
- as emoções: entusiasmo, hesitação, frustração, empatia
- a imaginação: jogo simbólico, expressão dramática, criação de narrativas
- as relações: reparar nos outros, ser reconhecido, dar e receber cuidado
- a construção de significado: interpretar acontecimentos em conjunto, cocriar narrativas

As primeiras experiências das crianças com a democracia são sentidas, e não formais. São vividas em momentos de alternância de vez, partilha de ritmos, reparação de conflitos, colaboração imaginativa e negociação sensível.

Estas experiências contribuem para moldar a forma como as crianças compreendem que:

- “Eu pertencço aqui”.
- “Eu posso influenciar o que acontece”.
- “Os outros são importantes”.
- “Podemos fazer algo em conjunto”.

Este conhecimento corporizado e relacional constitui o fundamento sobre o qual se constrói, mais tarde, a participação na vida democrática.

CONDIÇÕES DE APOIO PARA A SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA

A sensibilidade democrática desenvolve-se quando as crianças se encontram em ambientes onde podem:

- sentir-se emocionalmente seguras — a segurança permite que as crianças assumam riscos, expressem sentimentos e entrem na participação;
- participar através de múltiplas linguagens expressivas — gesto, desenho, modelação, movimento, som e narrativa, que possibilitam às crianças contribuir de diferentes formas;
- experienciar tempos e ritmos que respeitam os seus próprios ritmos — ritmos mais lentos e mais amplos permitem que o significado e a relação se desenvolvam;
- encontrar educadores responsivos para a democracia — a responsividade constitui um modelo de atenção e cuidado democráticos;
- envolver-se em atividades partilhadas que requerem cooperação — construir, imaginar, explorar e criar em conjunto nutre a sensibilidade em relação aos outros.

Estas condições não estão separadas do currículo; são elas que moldam a textura da aprendizagem e da participação.

RECONHECER A SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA NA PRÁTICA

A sensibilidade democrática manifesta-se de forma subtil e contínua nas interações das crianças. Os educadores e professores podem reconhecê-la através de:

- uma criança que faz uma pausa para permitir que outra fale;
- uma criança que ajusta a brincadeira para incluir um colega hesitante;
- duas crianças que entram em sintonia ao desenhar ou ao mover-se;
- uma criança que oferece conforto ou reconhece a emoção de um colega;
- um grupo que negocia o significado de uma história ou de um trabalho coletivo;
- crianças que, em conjunto, reparam um conflito;
- um silêncio partilhado que transporta significado emocional.

Estes momentos são pequenos, mas profundos. Revelam como as crianças sentem e respondem às dimensões éticas, relacionais e imaginativas de aprender em conjunto.

Caso AECED 14/15: Portugal – educação de infância e 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças, no quotidiano da vida em sala de aula.

Durante uma atividade de movimento, uma criança abranda o seu ritmo para o ajustar ao de um colega que se mostra hesitante. O educador observa essa mudança e diz, em voz baixa: “Reparaste no ritmo do teu colega.” A criança sorri, e o colega hesitante junta-se com maior confiança. Este pequeno ajustamento corporizado revela sensibilidade democrática: responsividade, cuidado e consciência relacional.

EXPRESSÕES DA SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA EM FUNÇÃO DA IDADE (3–10 ANOS)

Os exemplos apresentados abaixo são indicativos e não devem ser interpretados como uma lista de verificação.

Idades 3–5 anos (educação de infância)

As crianças podem revelar sensibilidade democrática quando:

- imitam ou reproduzem os gestos de outras crianças como forma de estabelecer ligação;
- reconhecem que os materiais pertencem ao coletivo e não apenas a si próprias;
- demonstram formas iniciais de empatia (por exemplo, “ele está triste”);
- integram ritmos de grupo ou movimentos coletivos;
- manifestam desconforto perante situações de exclusão.

6–7 anos

As crianças podem:

- negociar papéis ou sequências nas brincadeiras;
- combinar comunicação verbal e não verbal para resolver problemas;
- reconhecer a justiça ou injustiça (“Não é justo se só um decide”);
- revelar uma capacidade crescente de adotar a perspectiva do outro.

8–10 anos

As crianças podem:

- explicitar as razões das suas escolhas;
- reconhecer as dinâmicas do grupo e os seus estados emocionais;
- propor acordos de grupo;
- tomar a iniciativa de reparar conflitos;
- construir narrativas ou projetos partilhados com atenção às ideias dos outros.

Estes exemplos ajudam os educadores e professores a identificar a sensibilidade democrática nos momentos quotidianos.

PORQUE É QUE A SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA É IMPORTANTE

A sensibilidade democrática prepara as crianças para a vida democrática ao favorecer o desenvolvimento de:

- empatia e consciência relacional;
- compreensão corporizada da justiça e da responsabilidade;
- confiança para contribuir e negociar;
- capacidade de sentir e responder aos outros;
- capacidade de imaginação partilhada e de resolução colaborativa de problemas.

Estas capacidades são fundamentais para a participação democrática — não apenas como preparação para o futuro, mas como parte integrante da vida presente da sala de aula.

A Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD) promove o desenvolvimento destas capacidades através de experiências relacionais, estéticas e corporizadas, tornando a democracia uma realidade vivida pelas crianças, e não apenas um conteúdo sobre o qual aprendem.



Estes exemplos correspondem a atividades realizadas por crianças do educação de infância, no âmbito de estudos de caso conduzidos pela equipa portuguesa em 2024.

6. PEDAGOGIAS RESPONSIVAS

A pedagogia responsiva refere-se à capacidade do educador para observar, interpretar e responder às ações, emoções, ritmos e significados emergentes das crianças de modos que honrem os valores democráticos. É central na Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD), pois modela a atenção relacional, a flexibilidade e o cuidado necessários à vida democrática.

A responsividade não significa fazer tudo o que as crianças querem, nem implica ausência de estrutura. Refere-se, antes, à qualidade do envolvimento do educador — à forma como este se sintoniza, se adapta e co-constrói experiências de aprendizagem com as crianças. Através da responsividade, as crianças aprendem que:

- os seus sentimentos e contributos são importantes;
- as necessidades dos outros também são importantes;
- as atividades partilhadas evoluem através da influência mútua;
- o significado é construído coletivamente;
- a participação requer atenção e cuidado.

A pedagogia responsiva transforma as interações quotidianas em oportunidades para cultivar a sensibilidade democrática.

O QUE SIGNIFICA A PEDAGOGIA RESPONSIVA NA AECD?

Na AECD, a pedagogia responsiva envolve:

- sintonizar-se com os sinais das crianças — observar gestos, silêncios, hesitações, entusiasmo, ritmos e mudanças imaginativas;
- ajustar-se no momento — alterar o ritmo, os materiais, a organização do grupo ou a direção da atividade com base nas intenções emergentes das crianças;
- sustentar a incerteza com sensibilidade — permitir espaço para a exploração sem apressar resultados predeterminados;
- apoiar a expressão emocional — reconhecer as emoções como contributos significativos para o processo partilhado;
- valorizar contributos multimodais — reconhecer que as ideias podem ser expressas através do movimento, do desenho, do som, da exploração de materiais ou da postura — e não apenas por palavras;
- encorajar a co-agência — convidar as crianças a participar na construção conjunta da atividade.

Esta responsividade cria as condições relacionais que tornam possível a aprendizagem democrática.

O EDUCADOR COMO COAPRENDEnte E PARTICIPANTE CORPORIZADO

A pedagogia responsiva posiciona o educador não apenas como observador, mas também como coaprendente, que participa no processo emergente de construção partilhada de significado no seio do grupo. Isto implica orientar a atenção para as próprias respostas corporizadas — hesitação, entusiasmo, tensão, curiosidade — reconhecendo-as como informação pedagogicamente relevante. Quando os educadores tomam consciência das suas próprias reações corporizadas, com abertura e reflexividade, podem ajustar a sua presença e as suas ações de modo mais sensível aos ritmos e às necessidades do grupo.

Esta postura constitui, em si mesma, uma forma de modelação da participação democrática, ao tornar visível que também os adultos são aprendentes que escutam, se adaptam e coconstroem a experiência com as crianças.

Deste modo, reforça-se a dimensão democrática e relacional da responsividade, ao mesmo tempo que se torna explícito o papel do educador enquanto presença corporizada no processo pedagógico.

PORQUE É QUE A PEDAGOGIA RESPONSIVA É IMPORTANTE PARA A DEMOCRACIA

A responsividade concretiza valores democráticos:

- Liberdade: as crianças contribuem de formas que sentem como autênticas;
- Igualdade e equidade: diferentes modos de comunicação são reconhecidos e incluídos;
- Responsividade (como valor): as crianças aprendem a escutar, a ajustar-se e a cuidar dos outros.

A responsividade apoia também princípios democráticos:

- Partilha de poder: educadores e professores e crianças influenciam-se mutuamente;
- Diálogo transformador: o significado evolui através da interação;
- Aprendizagem holística: cognição, emoção, corpo e imaginação estão interligados;
- Bem-estar relacional: a sintonia aprofunda a confiança.

Através da pedagogia responsiva, as crianças experienciam a democracia como algo vivido na relação, e não apenas como algo de que se fala.



AÇÕES DO EDUCADOR QUE APOIAM A RESPONSABILIDADE

Os educadores e professores cultivam a responsividade através de:

- pausar — permitindo um momento para observar o que emerge, em vez de intervir imediatamente para corrigir ou orientar;
- espelhar e ampliar — refletindo um gesto, som ou ideia da criança, tornando-o disponível para o grupo;
- colocar questões abertas, como por exemplo:
- “O que pensas que pode acontecer a seguir?”
- “Reparei que abrandaste — porquê?”
- “Como podemos incluir a ideia do teu colega?”
- ajustar o ritmo e a cadência — reconhecendo quando abrandar favorece uma participação mais profunda;
- prestar atenção aos sinais relacionais — identificando quem está hesitante, quem assume a iniciativa e quem necessita de apoio;
- permitir que os materiais “falem” — dando tempo para que as crianças explorem as possibilidades dos objetos antes de apresentar explicações.

Estas formas de intervenção ajudam as crianças a reconhecer que as suas contribuições influenciam e moldam o coletivo.

Caso AECED 2: Croácia – educação de infância

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças no quotidiano

Durante uma atividade de narração de histórias, uma criança começa a bater repetidamente num pequeno tambor, primeiro de forma suave e depois com maior confiança. Em vez de redirecionar a criança para “ouvir”, o educador repara no ritmo e diz: “Parece que o teu tambor tem algo a acrescentar à história.” As crianças passam então a integrar esse ritmo como o batimento cardíaco de uma personagem. A intervenção responsiva do educador transforma o momento: o gesto da criança torna-se um elemento narrativo partilhado, e a história do grupo reconfigura-se.

CONDIÇÕES QUE POSSIBILITAM A PEDAGOGIA RESPONSIVA

A pedagogia responsiva requer um ambiente favorável, tanto para as crianças como para os educadores e professores.

Estas condições incluem:

- Um sentido de segurança emocional — as crianças sentem-se seguras para contribuir com ideias; os educadores e professores ajustam os seus planos com confiança, em resposta ao que emerge;
- Tempo suficiente e um ritmo alargado — o significado e as relações desenvolvem-se de forma gradual; a responsividade não pode ser apressada;
- Rotinas familiares que permitem variação — a consistência oferece segurança às crianças; a flexibilidade permite a responsividade;
- Oportunidades de expressão multimodal — materiais, movimento, desenho, som e jogo dramático convidam a formas diversas de participação;
- Responsabilidade partilhada entre educadores e professores — o diálogo profissional apoia a interpretação coletiva dos sinais e expressões das crianças.

Estas condições refletem conclusões consistentes do projeto AECED e dos diálogos nacionais: a responsividade desenvolve-se de forma mais plena em contextos onde os educadores e professores se sentem seguros, apoiados e com capacidade para se adaptar.

COMO A PEDAGOGIA RESPONSIVA PROMOVE A SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA

A pedagogia responsiva fortalece a sensibilidade democrática ao ajudar as crianças a:

- sentirem-se vistas e valorizadas;
- reconhecerem os efeitos das suas ações;
- ajustarem-se às necessidades dos outros;
- co-construírem significado partilhado;
- envolverem-se emocional e imaginativamente;
- participarem nas decisões do grupo;
- desenvolverem confiança e responsabilidade relacional.

Deste modo, a responsividade torna-se uma prática democrática — uma forma de viver em conjunto de modo ético e atento.

7. UM OLHAR EMPÁTICO

O olhar empático constitui uma postura fundamental na Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD). Descreve um modo de ver as crianças — e de estar com as crianças — assente na abertura, na curiosidade e no respeito. Em vez de avaliar ou categorizar as ações das crianças, o olhar empático convida os educadores a participar na democracia através do acolhimento do que as crianças expressam, levando os seus contributos a sério e permitindo que o significado emergja através da atenção mútua.

O olhar empático é democrático porque afirma a dignidade e a agência inerentes a cada criança. Cria um clima relacional em que as crianças se sentem vistas, reconhecidas e confiadas. Quando os educadores e professores se relacionam com as crianças através de um olhar empático, comunicam:

- “A tua presença é importante”;
- “O teu contributo tem significado”;
- “Tu pertences aqui”;
- “Podemos construir sentido juntos”.

Esta postura abre espaço para o desenvolvimento da sensibilidade democrática.



O QUE É O OLHAR EMPÁTICO?

O olhar empático envolve:

- abertura — acolher as expressões das crianças — verbais, não verbais, emocionais e gestuais — sem expectativas predeterminadas;
- curiosidade — interrogar-se sobre os significados, intenções, sentimentos e ritmos das crianças;
- não julgamento / suspensão do julgamento — suspender avaliações (“bom”, “errado”, “não apropriado”) que limitam as possibilidades das crianças;
- presença relacional — oferecer uma atenção calorosa, não intrusiva e responsiva;
- lentidão e paciência — dar tempo às crianças para se expressarem e confiar que o significado pode emergir gradualmente.

O olhar empático não é passivo; é um envolvimento ético ativo. Reconhece o valor da experiência vivida de cada criança e apoia a co-construção de significado.

O OLHAR EMPÁTICO DIRIGIDO A SI PRÓPRIO E O SEU PAPEL NA COAPRENDIZAGEM

O olhar empático não se dirige apenas para o exterior, em direção às crianças; dirige-se também para o interior. Os educadores praticam a aceitação das suas próprias respostas corporizadas — momentos de incerteza, oscilações emocionais ou reações intuitivas — reconhecendo-as como partes significativas do encontro educativo. Ao dirigirem a si próprios um olhar empático, os educadores reforçam a sua capacidade de permanecer abertos, curiosos e ancorados na situação.

Esta aceitação orientada para si próprios sustenta uma postura de coaprendizagem, permitindo aos educadores analisar as suas respostas sem julgamento e ajustar a sua participação em conformidade. Quando as crianças observam os adultos a atender, com sensibilidade, às suas próprias expressões, aprendem que o olhar empático também pode ser dirigido a si próprias e aos outros, tornando-se uma ética relacional partilhada.

PORQUE É QUE O OLHAR EMPÁTICO É IMPORTANTE PARA A DEMOCRACIA

A democracia depende da capacidade de ver e ser visto, de reconhecer os outros na sua plena humanidade e de se envolver com as suas perspetivas, emoções e necessidades. O olhar empático cultiva esta capacidade desde as fases mais precoces da vida.

Através do olhar empático, as crianças aprendem:

- que as suas vozes e os seus gestos têm valor;
- que a diferença é bem-vinda;
- que as perspetivas dos outros são importantes;
- que o reconhecimento é relacional, e não condicional;
- que podem participar sem receio de julgamento;
- que a democracia envolve presença, escuta e empatia.

No contexto da AECD, o olhar empático cria a base emocional e relacional sobre a qual a sensibilidade democrática se desenvolve.



COMO OS EDUCADORES E PROFESSORES PRATICAM O OLHAR EMPÁTICO

Os educadores e professores corporizam o olhar empático através de:

- imobilidade atenta — fazer uma pausa antes de responder, permitindo que a expressão da criança se manifeste plenamente;
- contacto visual suave ou olhar acolhedor — não intrusivo nem exigente, mas aberto e recetivo;
- nomear o que é observado sem avaliar:
 - “Vejo as tuas mãos a moverem-se rapidamente”.
 - “Parece que estás a pensar em algo”.
 - “Reparo que estás a manter-te perto do teu amigo”.
- validar as formas de expressão de significado das crianças — aceitar o gesto, o movimento, o silêncio, o desenho ou o som como contributos legítimos;
- criar espaço para a hesitação — compreender a hesitação como algo significativo, e não como resistência ou desinteresse;
- espelhar sem assumir o controlo — refletir a ação ou o tom da criança para sinalizar reconhecimento, sem tomar a iniciativa ou dirigir a ação.

Estas práticas ajudam as crianças a sentirem-se seguras, valorizadas e ligadas aos outros.

Caso AECED 14/15: Portugal – educação de infância e 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças, no quotidiano da vida em sala de aula.

Durante uma atividade com barro, uma criança pressiona repetidamente os dedos no material, sem formar uma figura reconhecível. Em vez de sugerir “faz alguma coisa”, o educador ajoelha-se ao lado da criança e espelha suavemente o ritmo com os seus próprios dedos sobre a mesa. A criança levanta o olhar, sorri e continua. Outra criança junta-se ao ritmo. O educador diz, em voz baixa: “O teu ritmo juntou-nos.” Neste momento, o olhar empático apoia a expressão, a ligação e o significado partilhado, sem impor direção nem avaliação.

Este momento evidencia como o olhar empático:

- reconhece a expressão da criança como significativa;
- convida à ligação relacional;
- apoia a agência partilhada;
- promove a sensibilidade democrática através da atenção relacional.

CONDIÇÕES QUE FAVORECEM O OLHAR EMPÁTICO

O olhar empático floresce quando o ambiente apoia:

- segurança emocional — as crianças e os educadores e professores sentem-se confortáveis para expressar sentimentos sem julgamento;
- redução da pressão para o desempenho — a aprendizagem não está associada a resultados imediatos nem à correção;
- ritmos mais lentos e flexibilidade temporal — é concedido tempo para que o significado possa emergir;
- confiança e calor relacional — os educadores e professores sentem-se apoiados na sua própria vulnerabilidade;
- participação multimodal — as crianças podem contribuir através do movimento, do som, dos materiais, do gesto e do silêncio.

Estas condições refletem resultados de sessões em que os materiais do protótipo foram testados e dos diálogos nacionais com educadores e decisores políticos.

COMO O OLHAR EMPÁTICO APOIA A SENSIBILIDADE DEMOCRÁTICA

Quando os educadores e professores praticam o olhar empático, as crianças aprendem a:

- prestar atenção aos outros e respeitá-los;
- reconhecer o impacto das suas próprias ações;
- experienciar-se como membros valorizados de um grupo;
- expressar emoções com confiança;
- negociar significados de forma colaborativa;
- sentir as qualidades éticas da relação.

O olhar empático constitui, assim, um gesto democrático: um modo relacional de ver e de ser visto que cria as bases para a participação, a empatia, o diálogo e a coexistência.

O QUE É UM AMBIENTE AECD?

Um ambiente AECD é um contexto que:

- acolhe múltiplas linguagens expressivas — os espaços, os materiais e as rotinas permitem que as crianças comuniquem através do gesto, do movimento, do som, do desenho, da modelação, da narração de histórias e do silêncio;
- apoia o bem-estar relacional — a organização do espaço promove a ligação, a segurança e oportunidades para que as crianças vejam e sejam vistas;
- incentiva a exploração e a coagência — as crianças podem influenciar o modo como os materiais são utilizados, como as atividades se desenvolvem e como os projetos partilhados ganham forma;
- oferece riqueza sensorial e estética — texturas, cores, sons e materiais despertam a curiosidade e a construção de significado;
- permite flexibilidade no ritmo e na direção — o tempo e o espaço acomodam ideias emergentes e os ritmos das crianças;
- reduz a pressão para um desempenho “correto” — as crianças sentem-se livres para se expressar sem receio de avaliação com base na correção.

Conceber um ambiente AECD implica criar condições onde a sensibilidade democrática possa enraizar-se através de experiências quotidianas de pertença, participação e cocriação.



QUALIDADES DO AMBIENTE QUE FAVORECEM A AECD

Os ambientes de AECD caracterizam-se por qualidades, e não por prescrições fixas. Estas condições refletem resultados de sessões em que os materiais do protótipo foram testados e de diálogos nacionais com educadores e decisores políticos.

A. Participação e agência — As crianças devem poder escolher como entrar nas atividades, transformar os materiais e influenciar os processos partilhados.

B. Multimodalidade e convite dos materiais — Os materiais oferecem múltiplos pontos de entrada: empilhar, dobrar, enrolar, traçar, equilibrar, transformar e animar. Acolhem diferentes formas de participação. Isto apoia a equidade e a inclusão: crianças com diversos estilos de comunicação encontram formas significativas de contribuir.

C. Bem-estar relacional — A forma como a sala está organizada influencia o modo como as crianças se relacionam entre si. Mesas para pequenos grupos ou áreas no chão, zonas claras mas flexíveis (por exemplo, tapetes, prateleiras baixas) e espaços onde todos se podem ver apoiam a ligação e o sentido de pertença. Cantos acolhedores para duas ou três crianças e percursos desimpedidos para circular na sala ajudam as crianças a manter a autorregulação e a ajustar-se à presença dos outros.

D. Imaginação e tomada de perspetiva — Objetos, imagens, sombras, luz, som e materiais naturais convidam as crianças a ver o mundo a partir de diferentes ângulos e a criar histórias ou projetos partilhados.

E. Flexibilidade temporal — A democracia requer tempo. Uma pedagogia lenta, propostas abertas e a possibilidade de retomar trabalhos permitem às crianças aprofundar a sua exploração e a sua sintonia relacional com os outros.

F. Atmosfera empática — O clima emocional sinaliza que todos os contributos são bem-vindos. Isto inclui a forma como os materiais são apresentados, como as tensões são acompanhadas e como os educadores e professores modelam a curiosidade em vez do julgamento.

CONCEBER ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM QUE FAVORECEM A PARTICIPAÇÃO

Os espaços de aprendizagem podem apoiar ativamente a participação democrática quando:

- os materiais são acessíveis — as crianças podem alcançar, selecionar, combinar e arrumar os objetos de forma autónoma;
- existem superfícies partilhadas — mesas amplas, espaço no chão ou áreas exteriores que apoiam a construção colaborativa de significado;
- os limites são flexíveis — as crianças podem entrar e sair das atividades sem interrupção ou penalização;
- existem lugares de recolhimento — recantos, almofadas ou espaços tranquilos que permitem às crianças observar antes de participar;
- o ambiente é ajustável — o mobiliário, os materiais e as configurações podem ser reorganizados de forma responsiva às intenções das crianças;
- o ruído visual é reduzido — um ambiente visualmente tranquilo torna mais perceptíveis os gestos subtis e as nuances emocionais.

Estas opções de conceção ajudam as crianças a sentir que a sala é um espaço que podem moldar e coconstruir, e não apenas um espaço que habitam.

CONCEÇÃO SENSÍVEL À IDADE (3–10 ANOS)

Os princípios fundamentais mantêm-se constantes, mas os ambientes adaptam-se às necessidades de desenvolvimento:

3–5 anos

- limites suaves e materiais ricos em estímulos sensoriais;
- espaços amplos para o movimento;
- áreas que permitem o jogo paralelo e a entrada gradual na interação;
- objetos e materiais que apoiam a transformação imaginativa.

6–7 anos

- materiais diversificados para construção e criação de narrativas;
- superfícies partilhadas para trabalho colaborativo;
- espaços que permitem tanto a exploração em grupo como individual.

8–10 anos

- zonas para o desenvolvimento de projetos prolongados;
- materiais que apoiam a tomada de perspetiva e a negociação;
- superfícies para planear, mapear ou documentar ideias em conjunto.

POSICIONAMENTO DO EDUCADOR EM AMBIENTES AECD

Os ambientes influenciam também o modo como os educadores e professores se posicionam e interagem.

O posicionamento ambiental responsivo inclui:

- sentar-se ou ajoelhar-se ao nível das crianças;
- mover-se de forma lenta, reduzindo a perturbação da atividade em curso;
- observar antes de intervir;
- utilizar a proximidade para apoiar a segurança, sem exercer controlo;
- permitir que as crianças se aproximem do educador quando se sentirem prontas;
- posicionar-se de modo a incluir, de forma subtil, crianças mais hesitantes.

Estas escolhas modelam formas de atenção e cuidado democráticos.

Um grupo de crianças começa a organizar materiais soltos no chão. Uma criança hesita na periferia. Como os materiais estão distribuídos de forma ampla e com percursos abertos, a criança pode juntar-se gradualmente. O educador espelha suavemente o ritmo da criança, oferecendo um material sem exercer pressão. Pouco depois, a criança contribui com um novo padrão que o grupo integra. O ambiente apoiou a agência, a inclusão e a consciência relacional — aspetos centrais da sensibilidade democrática.

Caso AECED 1: Croácia – educação de infância e 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças, no quotidiano da vida em sala de aula.

CONCEBER AMBIENTES QUE APOIEM A SEGURANÇA E A RESPONSABILIDADE DO EDUCADOR

Os ambientes AECD apoiam educadores e crianças na promoção da democracia. De acordo com os “ensaios de caso” do projeto AECED, os educadores e professores concretizam a responsividade e o olhar empático com maior confiança quando:

- os espaços reduzem o stress comportamental;
- o ritmo pode abrandar;
- é possível colaborar com outro adulto;
- as rotinas do ambiente apoiam as transições;
- os materiais convidam a uma utilização exploratória, em vez de competitiva.

Criar um ambiente que reduz a pressão ajuda os educadores e professores a assumir riscos relacionais e a modelar a abertura democrática.

9. PRÁTICAS QUOTIDIANAS QUE CONCRETIZAM A DEMOCRACIA

As práticas quotidianas correspondem aos micro-momentos e às rotinas recorrentes através dos quais as crianças experienciam a democracia como algo vivido. Estas práticas não exigem projetos especiais nem intervenções elaboradas. Emergem através do movimento, do ritmo, do gesto, da imaginação, do diálogo e da colaboração.

A AECD apoia os educadores e professores a reconhecer estes momentos, a nomear o seu potencial democrático e a cultivar as condições que permitem o desenvolvimento da sensibilidade democrática. É nas práticas quotidianas que os valores e os princípios democráticos se tornam visíveis, sentidos e partilhados.

As categorias apresentadas de seguida refletem práticas observadas em diferentes contextos empíricos e consolidadas no âmbito do projeto AECED.



CONSTRUÇÃO PARTILHADA DE SIGNIFICADO

As crianças constroem significado em conjunto através do jogo, da conversa, do desenho, do movimento e da exploração de materiais. A construção partilhada de significado promove a vida democrática, uma vez que implica escutar, negociar, adaptar e reconhecer múltiplas perspetivas.

Como se manifesta:

- as crianças coconstroem histórias ou representações;
- o significado evolui à medida que as crianças respondem às ideias umas das outras;
- os materiais são utilizados para negociar interpretações emergentes;
- os educadores e professores apoiam o processo sem determinar o resultado.

CONSCIÊNCIA EMOCIONAL E RELACIONAL

A sensibilidade democrática desenvolve-se quando as crianças conseguem reconhecer as suas próprias emoções, perceber os sentimentos dos outros e participar num clima de grupo onde as emoções são acolhidas, em vez de corrigidas.

Como se manifesta:

- as crianças nomeiam ou expressam emoções de forma multimodal;
- os educadores e professores validam os sentimentos e ajudam a integrá-los no processo coletivo;
- os tons emocionais (entusiasmo, tensão, hesitação) influenciam a compreensão partilhada;
- os conflitos são abordados como oportunidades de reparação e de aprendizagem.

Uma criança fica frustrada durante uma atividade de construção e afasta os materiais. Em vez de interromper a atividade, o educador ajoelha-se e diz, em voz calma: “Consigo ver que algo foi difícil.” Outra criança acrescenta: “Vamos tentar juntos.” O grupo abranda, ajusta o seu ritmo e continua. A expressão emocional torna-se parte integrante do trabalho partilhado, em vez de ser tratada como uma perturbação.

Caso AECED 2: Croácia – 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças no quotidiano da sala de aula

PARTICIPAÇÃO MULTIMODAL

As crianças participam democraticamente através de múltiplas linguagens expressivas: gesto, movimento, desenho, ritmo, som, olhar e silêncio. O reconhecimento destes modos é central para a equidade e a inclusão.

Como se manifesta:

- as crianças contribuem com ideias de forma não verbal;
- os educadores e professores interpretam gestos, padrões e ritmos como contributos significativos;
- os materiais convidam a diferentes formas de participação;
- as atividades permitem diferentes ritmos, intensidades e formas de expressão.

AGÊNCIA E RESPONSABILIDADE

As crianças experienciam agência quando as suas ações têm impacto, e responsabilidade quando consideram os efeitos dessas ações nos outros e nas atividades partilhadas.

Como se manifesta:

- as crianças organizam materiais, definem papéis ou propõem mudanças;
- pequenas decisões (disposição, ritmo, organização do grupo) influenciam a atividade;
- os educadores e professores acompanham as iniciativas das crianças e apoiam a co-agência;
- a responsabilidade é sentida, e não imposta.

Num cenário de jogo de papéis, as crianças decidem alternar quem segura o “mapa”, para que todos tenham a oportunidade de liderar o grupo. O educador nomeia a ação democrática: “Partilharam a liderança para que todos pudessem ajudar a orientar-nos.” As crianças experienciam, assim, a liderança como algo distribuído, e não como algo que pertence apenas a um indivíduo.

Caso AECED 2: Croácia – 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças no quotidiano da sala de aula



Esta figura que ilustra os múltiplos modos expressivos através dos quais as crianças podem participar na aprendizagem democrática, incluindo o desenho, o gesto, o silêncio, o som, o ritmo, o movimento, a observação e a narrativa. As crianças podem participar de muitas formas, nomeadamente através do desenho, do gesto, do silêncio, do som, do ritmo, da observação, do movimento e da construção de narrativas.

IMAGINAÇÃO E TOMADA DE PERSPETIVA

A imaginação permite às crianças entrar em mundos simbólicos, explorar diferentes pontos de vista e criar possibilidades alternativas. Este processo promove a empatia e o pensamento flexível — disposições fundamentais para a vida democrática.

Como se manifesta:

- as crianças imaginam objetos, papéis ou situações a partir de novos ângulos;
- o jogo dramático, narrativo ou visual abre espaço à emergência de múltiplas perspetivas;
- os educadores e professores apoiam a tomada de perspetiva através de questões sensíveis e abertas.

Durante a leitura de um livro ilustrado, uma criança diz: “Talvez a árvore esteja triste porque ninguém se sente debaixo dela.” O educador responde: “O que poderá ajudá-la a sentir-se melhor?” As crianças imaginam soluções em conjunto. A tomada de perspetiva emerge através do envolvimento imaginativo.

Caso AECED 14/15: Portugal – educação de infância e 1.º ciclo
Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças, no quotidiano da vida em sala de aula.

TEMPO, RITMO E RETORNO

A participação democrática requer tempo — tempo para sentir, observar, imaginar, negociar e reparar. Quando os educadores e professores abrandam o ritmo, as crianças podem entrar num ritmo partilhado que apoia um envolvimento mais profundo.

Como se manifesta:

- retomar trabalhos ao longo de dias ou semanas;
- abrandar as transições para apoiar a sincronização relacional;
- permitir pausas para reflexão ou integração emocional.

As crianças iniciam uma escultura coletiva, mas fazem uma pausa quando não sabem como continuar. O educador sugere retomar no dia seguinte. Ao regressarem à atividade, as crianças descobrem novas ideias e novos ritmos. Este retorno gradual permite que a construção democrática de significado se desenvolva de forma progressiva.

Caso AECED 2: Croácia – 1.º ciclo
Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças no quotidiano da sala de aula

PRÁTICAS DE OLHAR EMPÁTICO

O olhar empático torna-se visível nas rotinas e interações quotidianas. Constitui a base emocional para a participação democrática.

Como se manifesta:

- acolhimento de gestos, expressões e silêncios;
- os educadores e professores nomeiam os contributos das crianças sem julgamento;
- as crianças espelham-se mutuamente com interesse.

Uma criança observa os colegas à distância, em silêncio. O educador aproxima-se ligeiramente e diz, com suavidade: “Estás a reparar em tudo.” A criança junta-se gradualmente ao grupo. O reconhecimento, e não a pressão, é o que convida à participação.

Caso AECED 14/15: Portugal – educação de infância e 1.º ciclo

Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças, no quotidiano da vida em sala de aula.

As práticas quotidianas são o lugar onde a democracia cria raízes na experiência das crianças. Através da construção partilhada de significado, da sintonia emocional, da participação multimodal, da agência, da imaginação, do ritmo e do olhar empático, as crianças passam a compreender-se como participantes ativos de um mundo comum. Estas práticas constituem a base vivida da sensibilidade democrática.

Ao longo do tempo, as crianças podem também aprender a oferecer o olhar empático umas às outras — acolhendo as diferenças, reconhecendo as emoções e os ritmos dos seus pares e assumindo responsabilidade partilhada na co-criação de um clima de aprendizagem seguro.



10. REFLEXÃO DO EDUCADOR PARA A DEMOCRACIA – QUESTÕES ORIENTADORAS

A AECD reconhece que o envolvimento reflexivo dos educadores e professores é tão importante quanto a participação das crianças. Os educadores e professores moldam o clima relacional e emocional da sala, interpretam as expressões das crianças e tomam decisões pedagógicas que influenciam o modo como a democracia é vivida nas interações quotidianas.

Esta secção apoia os educadores e professores a reconhecer, interpretar e aprofundar a sua prática através da reflexão — individual e coletiva — sustentando, simultaneamente, as bases emocionais e relacionais necessárias ao trabalho democrático.

A aprendizagem profissional na AECD não é um processo técnico; é um percurso relacional, corporizado e reflexivo, enraizado no cuidado, na curiosidade e na investigação partilhada.

PORQUE É QUE A REFLEXÃO DO EDUCADOR É IMPORTANTE PARA A DEMOCRACIA

Os educadores e professores que praticam a reflexão demonstram:

- humildade;
- abertura;
- responsabilidade;
- empatia;
- disponibilidade para se ajustar;
- capacidade de reconhecer múltiplas perspectivas.

Estas são disposições democráticas essenciais — as crianças aprendem-nas ao vê-las vividas.

A reflexão ajuda os educadores e professores a cultivar ambientes de aprendizagem onde a sensibilidade democrática pode emergir de forma natural, gradual e autêntica.

A REFLEXÃO COMO PRÁTICA DEMOCRÁTICA

A reflexão permite aos educadores e professores reconhecer como:

- as suas respostas influenciam a agência e o sentido de pertença das crianças;
- as dinâmicas emocionais e relacionais moldam a aprendizagem;
- a sensibilidade democrática emerge através de pequenos gestos;
- os seus próprios pressupostos, emoções e hábitos afetam o grupo;
- as condições da sala apoiam ou limitam a inclusão.

A reflexão é democrática porque implica atender à complexidade, escutar múltiplas perspectivas (incluindo as das crianças) e abordar a incerteza com abertura.

Os educadores e professores modelam a sensibilidade democrática ao refletirem, não para se avaliarem, mas para compreender, crescer e responder com cuidado.

ORIENTAÇÕES REFLEXIVAS CENTRAIS NA AECD

Estas orientações apoiam os educadores e professores a reconhecer o potencial democrático presente na prática quotidiana.

- Curiosidade em vez de certeza: questionar “O que poderá significar este gesto?”, em vez de “Qual é a interpretação correta?”;
- Sintonização com a dimensão emocional: reconhecer os sentimentos — das crianças e do próprio educador — como informação significativa;
- Atenção aos padrões relacionais: observar quem se envolve, quem hesita, quem assume a iniciativa e quem se retira;
- Consciência do ritmo: reconhecer quando abrandar cria espaço para a participação;
- Acolhimento sensível da hesitação: compreender a hesitação como um sinal democrático, e não como uma falha;
- Reconhecimento da própria influência: tomar consciência de que a presença, a voz e o movimento do educador moldam a ecologia da aprendizagem.

Estas orientações promovem a capacidade reflexiva, essencial para uma pedagogia responsiva.

FERRAMENTAS DE REFLEXÃO

A. Reflexão sobre valores e princípios

- Como apoiei hoje a liberdade, a equidade e a responsividade?
- Em que momentos as crianças demonstraram partilha de poder ou coagência?
- Como emergiu o diálogo transformador?

B. Reflexão sobre a sensibilidade democrática

- Quando é que uma criança demonstrou cuidado, sentido de justiça ou sensibilidade em relação aos outros?
- Que pequenos gestos sinalizaram pertença ou exclusão?
- De que modo as emoções influenciaram a participação do grupo?

C. Reflexão sobre a pedagogia responsiva

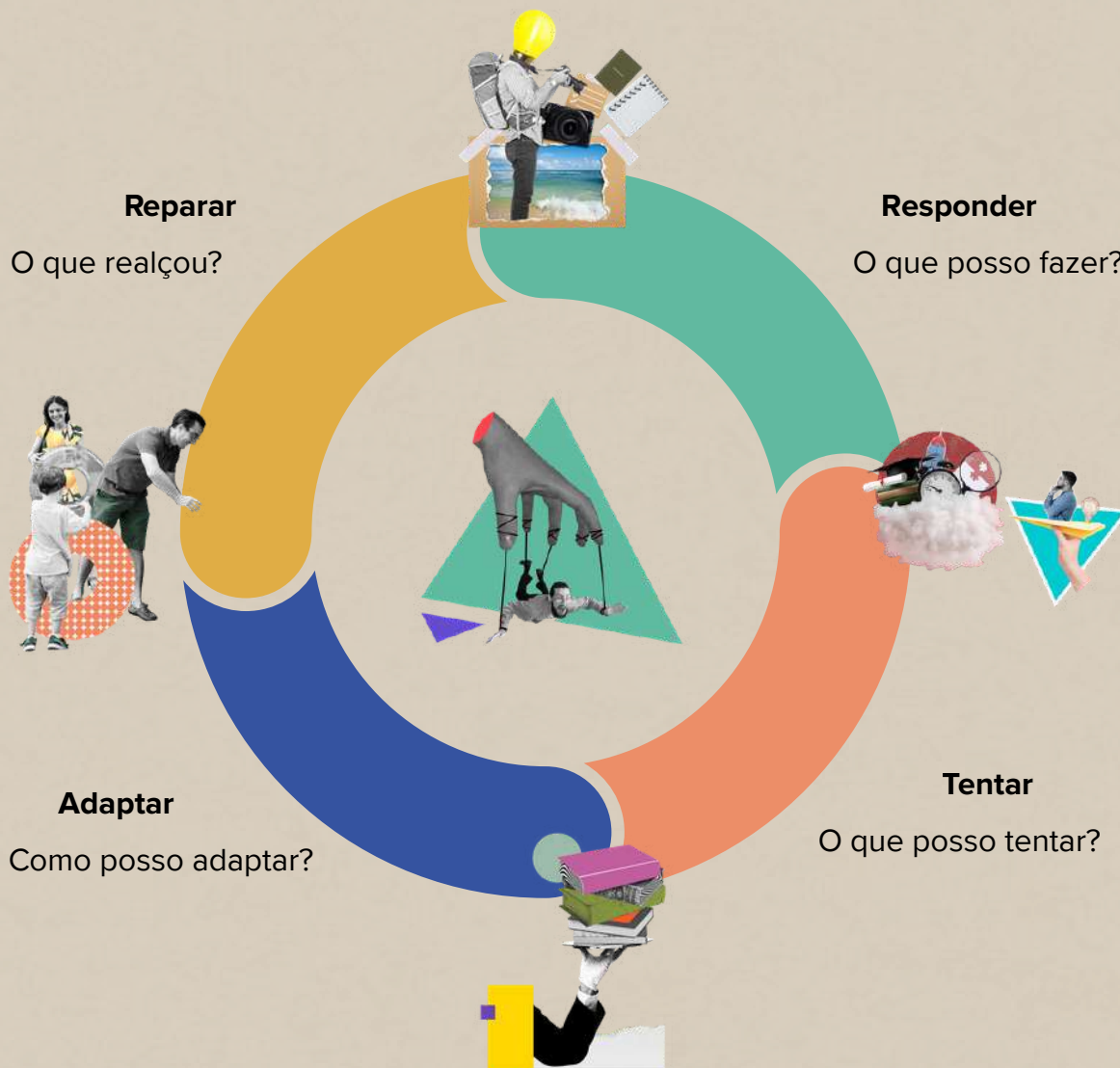
- Que sinais das crianças observei hoje?
- Como ajustei o ritmo, os materiais ou o meu posicionamento em resposta?
- Quando optei por pausar, esperar ou interpretar de forma diferente?

D. Reflexão sobre o olhar aceitante

- Em que momentos pratiquei a aceitação, em vez da avaliação?
- Como acolhi contributos não verbais?
- Como reagiram as crianças quando lhes ofereci reconhecimento?

Estas questões orientadoras ajudam os educadores e professores a tornarem-se mais conscientes do potencial democrático já presente nas suas escolhas quotidianas.

CICLO DE REFLEXÃO DO EDUCADOR



Reparar → Responder → Tentar → Adaptar

Ciclo simples de reflexão que apoia a consciência dos educadores sobre a prática democrática.

Este ciclo convida a reconhecer, responder, experimentar novas abordagens e adaptar a prática com base nas respostas das crianças.

A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DO EDUCADOR COMO QUESTIONAMENTO COLETIVO

A AECD desenvolve-se de forma mais plena quando a aprendizagem profissional é partilhada. Os educadores e professores envolvidos nos estudos de caso do AECED enfatizaram repetidamente que a prática democrática requer apoio emocional e relacional.

A indagação coletiva permite aos educadores e professores:

- partilhar incertezas e vulnerabilidades sem julgamento;
- interpretar em conjunto as expressões das crianças;
- reconhecer padrões entre diferentes salas e contextos;
- desenvolver uma linguagem partilhada em torno da AECD;
- sentir-se apoiados na experimentação de práticas democráticas;
- normalizar a assunção de riscos e a inovação pedagógica.

Casos AECED 14/15: Portugal – educação de infância e 1.º ciclo
Exemplo de prática que ilustra como a sensibilidade democrática emerge através das interações corporizadas, relacionais e imaginativas das crianças no quotidiano da sala de aula

Dois educadores e professores analisam um pequeno vídeo de crianças a organizar materiais. Um observa a subtil hesitação de uma criança; o outro identifica um padrão rítmico entre duas crianças. Discutem, em conjunto, como poderão responder numa situação semelhante no futuro. Através do diálogo, ampliam mutuamente a sua perceção e aprofundam a compreensão partilhada.

CONDIÇÕES PARA A SEGURANÇA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS EDUCADORES E PROFESSORES

Nos diferentes contextos de campo e diálogos nacionais, os educadores e professores enfatizaram a necessidade de segurança, tempo e confiança para se envolverem com a pedagogia democrática.

A aprendizagem profissional é apoiada quando:

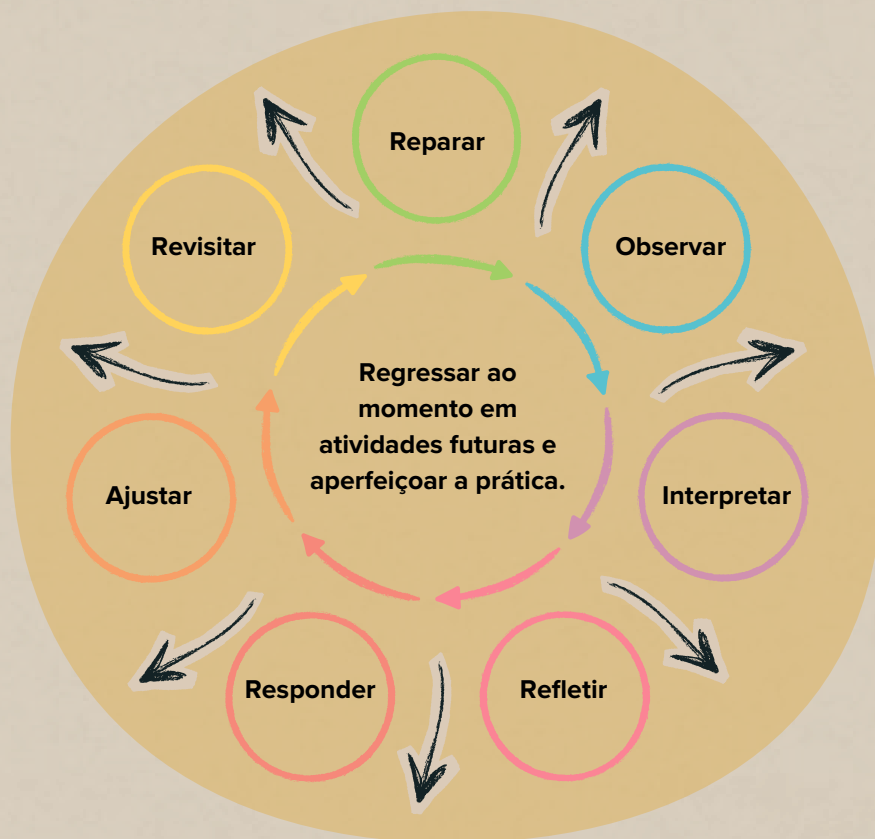
- Os educadores e professores se sentem emocionalmente seguros — podendo expressar dúvidas, interrogações ou desconfortos sem receio de julgamento;
- O tempo é protegido para a reflexão — pausas reflexivas curtas e regulares são mais eficazes do que sessões longas ocasionais;
- As lideranças valorizam a prática democrática — uma liderança apoiadora legitima a experimentação e os ajustamentos graduais às rotinas.

- A cultura colaborativa é promovida — refletir em conjunto ajuda os educadores e professores a ir além das suas perspetivas individuais e fortalece a vivência da democracia.
- A experimentação é normalizada — experimentar, retomar e aperfeiçoar práticas são aspetos centrais da AECD.

Estas condições criam o terreno democrático onde os educadores e professores podem crescer em conjunto com as crianças.

CICLOS DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

Os educadores e professores aprofundam a sua prática através de ciclos curtos e repetidos de:



Reparar → Observar → Interpretar → Responder → Refletir → Ajustar → Revisitar

Diagrama cíclico que representa a aprendizagem profissional na AECD. Ilustra como os educadores e professores se envolvem em ciclos contínuos de observar, interpretar, responder, refletir, ajustar e revisitar a prática, espelhando processos democráticos de atenção, diálogo e aprendizagem contínua.

11. CONCLUSÃO:

A VIDA DEMOCRÁTICA NOS PRIMEIROS ANOS COMO PRÁTICA ESTÉTICA E CORPORIZADA

A AECD convida os educadores e professores a reconhecer o quotidiano da sala de aula como um espaço onde a democracia pode ser vivida, sentida e praticada desde o início do percurso educativo da criança. A democracia não emerge apenas através de regras formais ou de ideias abstratas; desenvolve-se através dos pequenos encontros relacionais e corporizados que moldam a forma como as crianças se ligam umas às outras e ao mundo.

Ao longo deste Guia, explorámos como os valores e princípios democráticos, a sensibilidade democrática, a pedagogia responsiva e o olhar empático ganham forma em contextos de educação de infância e 1.º ciclo. Mostrámos como rotinas simples, explorações materiais, histórias partilhadas, ritmos coletivos e momentos de hesitação ou de reparação oferecem às crianças oportunidades para experienciar pertença, justiça, responsabilidade e cuidado.

A AECD não é um currículo adicional nem um conjunto de atividades a implementar. É uma forma de ver, de estar e de responder às crianças que reconhece a sua agência e apoia a sua participação num mundo comum. Assenta na atenção, no calor relacional e na convicção de que cada gesto ou contributo — por mais pequeno que seja — pode transformar a forma como o grupo aprende e vive em conjunto.

Para os educadores, praticar a AECD implica assumir uma postura reflexiva e relacional. Requer curiosidade, paciência, sensibilidade e a coragem de escutar profundamente. Convida os educadores e professores a abrandar, a observar as expressões das crianças, a acompanhar as ideias emergentes e a co-construir significado com o grupo. Este trabalho pode, por vezes, gerar vulnerabilidade, mas é precisamente essa abertura que cria as condições para que a aprendizagem democrática floresça.

Ao promover a sensibilidade democrática através da experiência estética e corporizada, os educadores e professores ajudam as crianças a desenvolver os fundamentos da vida democrática: empatia, tomada de perspetiva, responsabilidade partilhada e a capacidade de imaginar e construir mundos em conjunto.

As práticas descritas neste Guia não procuram a perfeição. Procuram a presença — e um modo de estar com as crianças que reconhece o potencial democrático dos momentos quotidianos. Em cada gesto, história, pausa, ritmo, desacordo ou colaboração criativa, as crianças aprendem o que significa participar numa comunidade que valoriza a sua voz e o seu modo próprio de ser.

A AECD oferece aos educadores e professores um percurso para cultivar estas experiências com intencionalidade e cuidado. À medida que as crianças exploram, criam, sentem e se relacionam, começam a formar as disposições democráticas que as acompanharão ao longo da vida. Através deste trabalho, a democracia deixa de ser apenas um ideal futuro e torna-se algo vivido no presente, na vida partilhada da sala de aula.



